



INDIVIDUALISMO E PSIQUISMO

Vive-se a cultura do individualismo. Esta cultura ensina valores individualistas sem perceber a ânsia por "ser" ou "ter", e isto, de uma forma agressiva e obcecada, revela que os indivíduos não estão conseguindo vislumbrar um horizonte para a sua vida. As pessoas estão existindo sem uma definição objetiva de propósitos, acabando por viverem superficialmente.

Na psicologia e outras ciências sociais, muitos autores assumem o pressuposto de que existe um dinamismo de constituição mútua entre psiquismo e cultura e que os processos psicológicos individuais não são independentes dos significados e das práticas culturais.

O individualismo como a teoria que faz prevalecer o direito individual sobre o coletivo favorece uma concepção equivocada de que é possível ao ser humano viver isolado de outro ser humano. No entanto, o indivíduo se torna humano na medida em que aprende na convivência com outro humano, a ser verdadeiramente humano.

A ênfase nos interesses pessoais sobre os coletivos se torna altamente prejudicial, à medida que promove um sentimento egoísta, voltado para a realização pessoal e o esquecimento da coletividade. Precisa-se uns dos outros para sobreviver e para fazer a manutenção da espécie humana; assim como, precisa-se da natureza toda, como a natureza precisa de nós.

O indivíduo ao gravitar em torno de si mesmo, como decorrência, encontra um indivíduo focado no seu próprio umbigo, atento apenas ao que lhe interessa, despreocupado com o semelhante, mais interessado no que lhe agrada viver e experimentar. Os indivíduos assim criados vivenciam os mesmos problemas, as mesmas dores, as mesmas decepções, limitações e a mesma realidade humana. O culto à produtividade e à criatividade fomenta a satisfação imediata hoje observada através do consumismo. Esta atitude comportamental se traduz no consumo como consolação pela impossibilidade de acumular propriedades, mas não sem uma competição acirrada para a definição daqueles que serão os proprietários, os ganhadores ou os reconhecidos.

Por assim ser, privilegiar a valorização do individual em detrimento do coletivo põe a perder os aspectos mais nobres da vida em sociedade tais como: companheirismo, solidariedade, participação e envolvimento. O psiquismo individual só pode ser compreendido se for interpretado à luz dos contextos sociais, culturais e históricos que lhe dão sentido. O problema central da modernidade é que como conseqüência desta exigência de resultados por meio de maior racionalidade, aumento desenfreado da produção, excesso de informação, desenvolvimento técnico continuado, da constante necessidade de capacitação e qualificação inviabilizam a reflexão e as relações humanas.



A visão utilitarista, pragmática, hedonista da vida, só faz ressaltar o comportamento individualista em uma sociedade voltada para a própria satisfação. Constrói-se uma sociedade fundada no prazer a qualquer custo; tem sido extremamente desagregadora e tem contribuído para a coisificação da vida e dos relacionamentos. No entanto, a vida fica mais fácil quando se tem alguém para compartilhar as tristezas e as alegrias, as derrotas e as vitórias. A comparação de sujeitos de diferentes culturas mostra que existem diferenças imputáveis à cultura em aspectos fundamentais do funcionamento psicológico, como a auto-estima, as atribuições, os estilos de pensamento, a motivação, a consistência cognitiva ou o julgamento moral. O indivíduo perde, assim, o sentido da sua própria vida ao se distanciar dos seus vínculos comunitários.

Como resultado da modernização, há uma busca insana de ganhos, lucros e vantagens pessoais em tudo o que se faz e se envolve o que acaba por manter alheio o que acontece ao redor. As relações familiares típicas tornam-se fragmentadas, superficiais e distanciadas, pois ocorre perda nos laços afetivos, no apoio psicológico que os familiares representam e da solidariedade pessoal que se constrói através das relações em favor de outras pessoas.

A natureza gregária da espécie humana e o senso de pertencimento dos seres humanos aos seus grupos e comunidades são aspectos que decorrem de uma disposição básica, a empatia, que orienta para os outros e para a cooperação, mesmo nas sociedades ditas individualistas. Esta base cooperativa revela-se no funcionamento das instituições sociais presentes na cultura como as igrejas, os sindicatos, os grupos políticos e econômicos, a família, a escola, etc. Nenhuma destas instituições seria eficaz numa cultura exclusivamente orientada para os interesses individuais.

Esta desorganização social e familiar direciona o ser humano para um vazio existencial que pode culminar com doenças de profunda correlação psicossomática, tais como: angústia, depressão, ansiedade, stress, além da dependência química; marcando várias gerações com a necessidade de tratamentos medicamentosos e psicológicos com fim de resolver problemas como mágoas, frustrações e relações intra-existenciais e inter-humanas.

Dr. Maurício Aranha - **Sócio**-Fundador da ANERJ - Associação dos Neurologistas do Estado do Rio de Janeiro. Filiado da SBNeC - Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento da USP. Filiado da APERJ - Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro (Federada da ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria e da WPA - Associação Mundial de Psiquiatria). Pesquisador do Núcleo de Ciências Médicas, Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. **Formação:** Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. Psiquiatria Forense pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Psiquiatria pela Universidade Estácio de Sá, Brasil. Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Grupo de Ação Educacional, Brasil. Psicologia Analítica pela Universidade Hermínio da Silveira e Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação, Brasil. Neurolingüística pelo Instituto NLP in Rio & NLP Institut Berlin, Brasil/Alemanha. Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya, Espanha. E-mail: ma@icc-br.org